

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	ES	01	02	14	F40	10
	UF	SÍTI	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Espírito Santo
LOCALIDADE	Sul
MUNICÍPIO / UF	Muqui/ES

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Caxambu da Família Rosa
OUTRAS DENOMINAÇÕES	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Aroldo Rosa	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	
OCUPAÇÃO	Carcereiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	-
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****10**

Mestre Aroldo, Caxambu da Família Rosa, Muqui – ES.
Foto: Guilherme Reis, 05/04/2014.



Caxambu da Família Rosa, Muqui – ES.
Foto: Guilherme Reis, 05/04/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****10****Componente feminina, Caxambu da Família Rosa, Muqui – ES.**

Foto: Guilherme Reis, 05/04/2014.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Caxambu da Família Rosa, no município capixaba de Muqui, existe desde o ano de 1961 e esteve sempre ligado à família Rosa, descendente de escravos trazidos para a região na metade do século XIX. O grupo foi formado pelos integrantes da comunidade de São Pedro, também conhecida como Querosene, localizada em uma região de morros na sede do município de Muqui. O grupo possui cerca de 12 integrantes fixos, a maioria deles da família Rosa. Não há nenhuma preferência pelos membros da família. Os demais integrantes são amigos e parentes próximos, ligados à família pelos laços de ancestralidade referentes aos africanos trazidos para o Brasil durante a vigência da escravidão. Nas apresentações, os integrantes do grupo se misturam a outros participantes, chamados de rodantes. As apresentações acontecem em festividades religiosas do município de Muqui e em eventos culturais ou religiosos de outras cidades próximas. O grupo já se apresentou em Vitória, Rio de Janeiro e Brasília, sendo reconhecido como manifestação cultural tradicional do município. Nessas apresentações o grupo conta com dois tambores feitos a partir de peças brutas de madeira e casacas, também chamados de reco-recos. As danças são realizadas pelas integrantes do sexo feminino, que formam uma roda à frente da seção de tambores. Os pontos entoados pelos mestres tratam de temas religiosos, com destaque para as saudações aos santos padroeiros – Santo Antônio e São Benedito. As apresentações têm duração média de uma hora.

O grupo passou a contar com maior amparo legal após a fundação da Associação Afrodescendente de Muqui, no ano de 2004. A Associação participa de reuniões com a Secretaria de Cultura e com vereadores locais para pleitear apoio às manifestações culturais tradicionais. Os principais responsáveis pela Associação e pelo grupo de Caxambu da Família Rosa são o Mestre Aroldo Rosa, Sarney Rosa e Ronei Rosa. Atualmente os integrantes da Associação Afrodescendente de Muqui se esforçam para a construção de sua sede, na comunidade de São Pedro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****10****6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE****6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A comunidade de São Pedro, na sede do município de Muqui, foi ocupada na segunda metade do século XIX, possivelmente na década de 1880, por Benedicta Barbosa Ramos e Manoel Demóstenes da Rosa, ex-escravos da Fazenda Santa Rosa. Eles foram alforriados pelo proprietário da fazenda, João dos Santos, após o nascimento de filhos ilegítimos com algumas das escravas, o que teria gerado ciúmes e revolta de sua esposa, conhecida como Sinhá Tóia. Os ciúmes da esposa a levaram a perseguir os antigos escravos, resultando na tentativa de assassinato de um dos membros da família Rosa. A ocupação da região atualmente conhecida como Querosene, na sede do município de Muqui, aconteceu em decorrência da fuga de integrantes da família Rosa dos maus-tratos da antiga senhora.

Inicialmente a região abrigava uma mata fechada, habitada apenas por animais silvestres, como macacos e capivaras. A abertura do terreno aconteceu de forma lenta, com a construção de pequenos ranchos que formaram um quilombo. Segundo Ronei Rosa, integrante do grupo de Caxambu da Família Rosa, o termo quilombo é entendido como a “casa da mãe”, local comunitário e que se encontra sempre aberto aos parentes e irmãos. O crescimento da comunidade do Querosene aconteceu, portanto, devido à chegada de parentes que eram informados da segurança do local. Entre o final do século XIX e a década de 1950 a região foi efetivamente ocupada, tornando-se uma comunidade numerosa. A maioria de seus integrantes foi composta por membros da família Rosa, mas não exclusivamente por eles. Alguns descendentes de outros troncos familiares ligados aos antigos escravos se instalaram no local, contribuindo para a consolidação de sua população.

Na segunda metade do século XX observou-se a integração da região à malha urbana da sede do município de Muqui. Alguns serviços urbanos chegaram à comunidade, como energia elétrica e vias de acesso para carros. Nos primeiros anos do século XXI a comunidade passou a contar com a Associação Afrodescendente de Muqui, que representa os interesses dos descendentes dos escravos no município. Atualmente a comunidade forma um bairro da sede do município de Muqui, sendo composta por aproximadamente 300 habitantes.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O Morro do Querosene, local onde a comunidade de São Pedro se encontra assentada, é o principal marco natural associado à prática do Caxambu da Família Rosa. Sua importância reside no fato de que este morro foi ocupado por Benedicta Barbosa Ramos e Manoel Demóstenes da Rosa, descendentes do patriarca da família Rosa, Napoleão Rosa, no final do século XIX, fugindo das perseguições de sua antiga senhora. O local possui ligação indissociável com a história da família Rosa e com a história dos ex-escravos no período pós-abolição, marcado pela saída de muitos deles das fazendas e o aquilombamento em matas e morros. O Morro do Querosene foi um dos locais procurados pelos ex-escravos da Fazenda Santa Rosa para fundarem seus ranchos e viverem do trabalho em pequenas roças. A comunidade formada passou a contar com diversas manifestações culturais ligadas à herança africana, dentre elas o Caxambu. Aroldo Rosa e Ronei Rosa informaram que as rodas de Caxambu aconteciam, principalmente, nas festividades religiosas, atraindo grande quantidade de pessoas. As ocasiões de entretenimento oferecidas pelos festejos religiosos contribuíram para a consolidação da região do Querosene como importante marco cultural do município de Muqui.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Os espaços são agenciados de acordo com a disponibilidade de cada um dos membros do grupo. As reuniões geralmente acontecem na residência do mestre Aroldo Rosa, mas há planos de construção de uma sede da Associação Afrodescendente de Muqui e uma Casa da Memória na Comunidade de São Pedro, que passariam a abrigar a prática do caxambu.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****10****7. TEMPO****7.1. PERIODICIDADE**

As apresentações do Caxambu da Família Rosa não possuem periodicidade regular. Elas acontecem, na maioria das vezes, em festividades religiosas, como a Festa de São Pedro, os dias de Santo Antônio e São Benedito, e também em eventos organizados pela Prefeitura Municipal de Muqui e outras cidades vizinhas.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

A história do Caxambu da Família Rosa possui forte vínculo com a memória familiar de seus integrantes. Os depoimentos registrados dão conta de que há um forte sentido de ancestralidade na prática, associado ao período da escravidão no Brasil. Nesse sentido, relatar a história da prática cultural obriga a traçar um histórico da família Rosa.

Os primeiros integrantes da família Rosa no Espírito Santo chegaram em navios negreiros no ano de 1845 vindos de Moçambique, segundo a tradição oral de seus integrantes, e foram trazidos pelo então Barão do Itapemirim. Chegaram ao porto de Itapemirim Napoleão Rosa e esposa, Niceta, sua irmã, e outros cinco parentes, que foram todos vendidos a João dos Santos, proprietário da Fazenda Santa Cruz. Os africanos se tornaram escravos da fazenda produtora de café, dedicando-se às tarefas nas plantações.

Os escravos da Fazenda Santa Rosa eram submetidos a maus tratos, como castigos e marcações com ferro em brasa. Dessas marcações é que surgiu a denominação de família Rosa para os escravos desta fazenda. A libertação dos integrantes da família Rosa se deu em 1885, devido ao nascimento de filhos ilegítimos de João dos Santos com duas de suas escravas. A libertação foi seguida de perseguição pela esposa de João dos Santos, conhecida como Sinhá Tóia. A fuga dessas perseguições levou um dos filhos de Napoleão Rosa, Manoel Demóstenes da Rosa, e sua esposa Benedicta Barbosa Ramos, a fugirem para a região conhecida como Morro do Querosene, onde se instalaram e deram início à comunidade de São Pedro.

Manoel Demóstenes da Rosa era um grande entusiasta do Caxambu, tendo travado contato com a prática ainda no cativeiro. Ao adquirir a liberdade e se mudar para a região do município de Muqui, passou a frequentar as rodas de Caxambu locais, geralmente realizados nas Festas de São Pedro, São Benedito e Santo Antônio. Os membros da família Rosa passaram a ser presença constante nas rodas, adquirindo respeito entre os moradores da região. Aroldo Rosa, atual mestre do Caxambu da Família Rosa, afirma que o primeiro contato com o Caxambu se deu por intermédio de seu avô, Manoel Demóstenes, que o levava aos festejos para que ele observasse os cantos, toques e danças. Seu pai, José Rosa, se tornou um importante tocador de tambor, o que estreitou ainda mais os laços de Aroldo Rosa com a prática. Sempre houve a preocupação por parte dos membros da família Rosa em transmitir a herança cultural para os mais jovens. Aroldo Rosa afirma ter aprendido diversos pontos com sua avó Benedicta, que era uma das grandes cantadoras da comunidade.

O grupo de Caxambu da Família Rosa foi fundado por iniciativa de José Rosa e Benedicta Barbosa Ramos, em 1961. Benedicta e José se tornaram mestres, sendo responsáveis pela organização do grupo. José Rosa faleceu na década de 1980 e Benedicta Barbosa viveu até os 105 anos de idade. Após a morte dos antigos mestres a liderança do grupo foi passada a Aroldo Rosa, que é o atual mestre. Outros membros da família Rosa se destacam no grupo, como Ronei Rosa e Sarney Rosa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****10****9. ATIVIDADE****9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

A prática do Caxambu na região do município de Muqui remonta ao século XIX, quando diversas fazendas foram fundadas para o cultivo do café, produto de exportação que despontou a partir da década de 1840. A Fazenda Santa Cruz foi a principal propriedade da região conhecida como Monte Líbano, pertencente à Cachoeiro do Itapemirim. Os escravos da fazenda, sem opções de divertimento nas senzalas, utilizavam-se de latas para a prática do Caxambu, que era coibida pelos senhores. Nesse tempo, o Caxambu contribuía para a afirmação das identidades africanas pelos escravos e também para a comunicação e a celebração da memória entre eles. Não havia uma organização fixa, os participantes se juntavam às rodas e entoavam os cantos de acordo com seu conhecimento e autoridade perante os companheiros.

Com a libertação dos escravos da família Rosa e sua subsequente perseguição, esses passaram a ocupar região distante da Fazenda Santa Rosa, o chamado Morro do Querosene. Benedicta Barbosa Ramos e Manoel Demóstenes da Rosa instalaram-se com sua família no local, e logo chegaram outros parentes. Esta nova comunidade passou a participar das rodas de Caxambu locais, geralmente realizados nas festas em homenagem a São Pedro. Durante grande parte da primeira metade do século XX, o Caxambu era realizado nas celebrações religiosas do município de Muqui e nas zonas rurais, sem a organização de grupos fechados. Essa prática cultural associava-se à religiosidade popular afrodescendente, sendo, por isso, mal vista por parte da população. Os Caxambus, como as rodas eram chamadas popularmente, eram frequentados, geralmente, pelos negros e mulatos, com pouca participação de brancos.

Na segunda metade do século XX, no ano de 1961, a família Rosa decidiu fundar um grupo de Caxambu para manter viva entre seus integrantes a identidade afrodescendente. A fundação do grupo teve como principal objetivo a afirmação da memória da escravidão e da herança africana da família. Fundado por Benedicta Barbosa Ramos e Manoel Demóstenes da Rosa, o Caxambu da Família Rosa passou a congrega os habitantes da comunidade do Querosene em torno das praticas afrodescendentes. O Caxambu não era a única forma de expressão associada ao universo dos ex-escravos, havia também o Jaguará de Moçambique, o Boi-Bumbá e as Folias de Reis, que marcavam as datas religiosas locais.

O Caxambu da Família Rosa manteve-se ativo durante toda a segunda metade do século XX, chegando ao século XXI fortalecido pela ação de lideranças como Aroldo Rosa, Sarney Rosa e Lalá Rosa. A fundação da Associação Afrodescendente de Muqui contribuiu para o aumento da visibilidade da prática, levando o grupo a se apresentar em outras cidades do Espírito Santo, além do Rio de Janeiro e Brasília. Dessa forma, o Caxambu da Família Rosa possui grande legitimidade e reconhecimento dos moradores do município de Muqui. A manifestação cultural integra o rol de contribuições da cultura africana para a tradição local, realidade reconhecida pela Prefeitura Municipal de Muqui e revertida em apoios institucionais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****10****9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES**

As narrativas e representações relacionadas à prática do Caxambu remontam ao universo religioso popular afrodescendente, à memória da escravidão no Brasil e às memórias familiares dos integrantes da família Rosa. Os depoimentos colhidos dão conta da importância atribuída aos antepassados para a manutenção da herança africana entre os membros da comunidade. Aroldo Rosa, atual Mestre do Caxambu da Família Rosa, afirma que aprendeu grande parte do que sabe sobre o Caxambu com seus avós, Benedicta Barbosa Ramos e Manoel Demóstenes da Rosa, e seu pai, José Rosa. Muitos dos cantos foram passador por Benedicta Barbosa Ramos. Dentre eles é possível citar:

(1)

Fazenda velha não tem vaca e não tem boi
Apareceu bezerro novo pra contar como é que foi.

(2)

Todo pau o vento leva
só o pau pereira não.

(3)

Caxambu morreu
Mandou enterrar
Vai lá na porteira
Caxambu tá lá.

Aroldo Rosa afirmou que se considera um guardião da memória de seus antepassados, sendo este o principal motivo pelo qual organiza a prática do Caxambu na comunidade de São Pedro. Ele afirmou que a prática cultural faz parte de um panorama mais amplo de reconhecimento da contribuição da cultura negra para a identidade cultural brasileira. Ele considera que são indícios dessa valorização o reconhecimento do Caxambu como patrimônio imaterial pelos poderes municipal, estadual e pelo IPHAN nos últimos anos. Isso mostra, em sua opinião, que os esforços das gerações passadas tiveram efeito no presente, contribuindo para a preservação das narrativas do cativo e da fuga da perseguição dos antigos senhores. Nesse sentido, Aroldo Rosa afirma que o Caxambu é uma forma de resistência e de homenagem, uma reivindicação de direitos e uma afirmação da ancestralidade.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1845	Chegada dos primeiros integrantes da família Rosa ao Brasil como escravos.
1885	Concessão da alforria aos membros da família Rosa por João dos Santos.
Década de 1890	Fuga de Benedicta Barbosa Ramos e Manoel Demóstenes da Rosa para o Morro do Querosene.
Década de 1940	Nascimento de Aroldo Rosa.
1961	Fundação do Caxambu da Família Rosa.
Década de 1980	Morte de José Rosa e Benedicta Barbosa Ramos, posse de Aroldo Rosa como mestre do Caxambu da Família Rosa.
2000- 2012	Fundação da Associação Afrodescendente de Muqui.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****10****10. PRODUTOS PATRIMONIAIS****10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

As apresentações do Caxambu da Família Rosa acontecem em festividades religiosas, como as festas de São Pedro, Santo Antônio e São Benedito e em eventos organizados pela Prefeitura Municipal de Muqui. O grupo também se apresenta em outros municípios da região sul do Espírito Santo. As apresentações duram, em média, uma hora. Nelas são apresentados pontos referentes às devoções religiosas e a assuntos do cotidiano. Não há pontos de amarração, como os participantes se referem aos pontos vindos da umbanda. Os pontos e toques de tambores são acompanhados por danças feitas pelos participantes, que organizam uma roda à frente da seção rítmica.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Ensaios	Organizados pelo Mestre Aroldo Rosa, os ensaios são realizados em datas que precedem as apresentações, sem regularidade preestabelecida.
Contato para o acerto de detalhes logísticos	Quando as apresentações ocorrem fora da comunidade de São Pedro ou do município de Muqui, o Mestre Aroldo Rosa realiza contato com a Prefeitura Municipal de Muqui para a disponibilização de transporte dos membros de grupo ao local dos eventos e também negocia com os contratantes as condições de alimentação para os participantes.
Traslado e Apresentação	Transporte dos membros do grupo até o local de realização das apresentações e entrada em cena.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Aroldo Rosa	Mestre.
Ronei Rosa	Integrante do Caxambu da Família Rosa, detentor da memória local.
Sarney Rosa	Representante da Associação Afrodescendente de Muqui

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Recursos para aquisição de materiais.
QUEM PROVÊ	Prefeitura Municipal de Muqui, Secretaria de Estado de Cultura do Espírito Santo e os próprios integrantes
FUNÇÃO	Garantir a infraestrutura necessária à existência do grupo

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Tecidos, camisetas.
QUEM PROVÊ	Os próprios integrantes
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizados na confecção dos uniformes que identificam o grupo, sendo as saias feitas com motivos decorativos florais, com cores fortes. Os tecidos, geralmente chitões, são adquiridos de acordo com a necessidade.
DISPONIBILIDADE	Segundo o Mestre Aroldo Rosa, não há problemas relacionados à disponibilidade de materiais para a realização da prática entre os membros do Caxambu da Família Rosa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****02****14****F40****10****10.6. COMIDAS E BEBIDAS**

DESCRIÇÃO	Não existem comidas e bebidas próprias à forma de expressão.
QUEM PROVÊ	-
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Sem referência.
QUEM PROVÊ	-
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Uniformes, saias.
QUEM PROVÊ	O próprio grupo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os homens usam calças e camiseta branca com inscrições do nome do grupo. As mulheres trajam camisetas brancas com as inscrições do grupo e saias rodadas multicoloridas com motivos florais e africanos. As vestimentas têm a função de dar visibilidade à identidade de grupo e, principalmente nas apresentações realizadas fora da comunidade de São Pedro e do município de Muqui.

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	Danças em uma roda formada á frente da seção de tambores.
QUEM EXECUTA	As mulheres integrantes do Caxambu da Família Rosa
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As danças ocupam lugar central na prática do caxambu. O Caxambu da Família Rosa conta com 12 membros, dos quais oito participam das danças.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Pontos: cantos cifrados com a utilização de termos integrantes do vocabulário afrodescendente e relacionado à simbologia religiosa.
QUEM PROVÊ	Os integrantes do Caxambu da Família Rosa
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Segundo Aroldo Rosa, no Caxambu da Família Rosa não são permitidos os chamados pontos de amarração, ligados à prática da umbanda e surgidos, muitas vezes, nos terreiros. O atual mestre ressalta que a prática do Caxambu e os pontos têm como objetivo primordial a afirmação da memória da escravidão, da família Rosa e da religiosidade popular.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	ES	01	02	14	F40	10
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Tambores
QUEM PROVÊ	Integrantes do Caxambu da família Rosa.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O Caxambu da Família Rosa conta com dois tambores de dimensões distintas, feitos a partir de peças da madeira bruta torneadas, escavadas e unidas com pregos. As peças de madeira possuem pintura na cor branca, e uma das extremidades é coberta por uma peça de couro, tensionada a partir de dois aros de ferro dispostos no corpo de madeira do tambor. A tensão é garantida por um sistema de cordas trançadas que são amarradas a argolas ou ganchos de madeira fixados nos corpos de madeira dos tambores.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Membros do Caxambu da Família Rosa	Recolhimento e guardados materiais

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☒	ESPECIFICAR	Apresentações culturais.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☒		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

A Associação Afrodescendente de Muqui é a principal organização civil responsável pela afirmação da cultura africana no município. Fundada na década de 2000, a Associação possui diversos membros da família Rosa entre seus integrantes. A atividade da Associação foi de grande importância para o reconhecimento da prática do Caxambu como patrimônio cultural pela Prefeitura Municipal de Muqui e pelo Governo do Estado do Espírito Santo.
--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Sem referência.	

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Sem referência.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	ES	01	02	14	F40	10
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Sem referência.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

V-Jongo_Entrevista-Aroldo Rosa_Reis, Guilherme_Muqui-ES_05-04-2014_21m27s

V-Jongo_Entrevista-Ronei Rosa_Reis, Guilherme_Muqui-ES_05-04-2014_20m45s

V-Jongo_Recriação-Encontro Caxambu da Andorinha_Reis, Guilherme_Jorônimo Monteiro-ES_06-04-2014_75m12s

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F-Caxambu_Caxambu da Família Rosa_Bandeira_Reis, Guilherme_Muqui-ES_05-04-2014

F-Caxambu_Caxambu da Família Rosa_Mestre Aroldo_Reis, Guilherme_Muqui-ES_05-04-2014

F-Caxambu_Caxambu da Família Rosa_Certificado_Reis, Guilherme_Muqui_ES_05-04-2014

F-Caxambu_Caxambu da Família Rosa_Recebimento certificado_Reis, Guilherme_Muqui-ES_05-04-2014

F-Jongo_Caxambu da Andorinha e Caxambú da Família Rosa_Canto e dança [2]_Reis, Guilherme_Jerônimo Monteiro_Es_05-04-2014

F-Jongo_Caxambu da Andorinha e Caxambú da Família Rosa_Canto e dança _Reis, Guilherme_Jerônimo Monteiro_Es_05-04-2014

F-Jongo_Caxambu da Andorinha e Caxambú da Família Rosa_Dança coletiva_Reis, Guilherme_Andorinha_Jerônimo Monteiro_Es_05-04-2014

F-Jongo_Caxambu da Família Rosa_Canto do Mestre Aroldo_Pataro, Bianca_Muqui_Es_05-04-2014

F-Jongo_Caxambu da Família Rosa_componentes_Reis, Guilherme_Muqui_ES_05-04-2014

F-Jongo_Caxambu da Família Rosa_Dança entre homem e mulher_Pataro, Bianca_Muqui_ES_05-04-2014

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Bem registrado em 2007 pelo IPHAN.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Sem referência

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Sem referência

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	ES	01	02	14	F40	10
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q40		
PESQUISADOR(ES)	Bianca Pataro Dutra, Guilherme Reis, Raul Lanari, Mariana Gonçalves Moreira		
SUPERVISOR	Mariana Gonçalves Moreira, Bianca Pataro Dutra		
REDATOR	Raul Lanari	30/10/2014	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Ana Carolina Vaz Mariana Gonçalves Moreira		